



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010



“O ALIENISTA”: DOENÇA MENTAL OU DESVÍO SOCIAL?

Lucianne Michelle de Menezes
(Mestre — UFSE)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise crítica do conto “O alienista”, de Machado de Assis, a partir das concepções de loucura humana ali percebidas. Com base nas ideias de Frayze-Pereira e Szasz, é exposto um breve panorama acerca das perspectivas históricas a respeito da loucura e as relações que se pode estabelecer entre elas e o referido texto literário. Comenta-se o período em que surgem os primeiros asilos para internamento de pacientes com “problemas mentais” e fazem-se comparações entre tais instituições e a “Casa Verde”, descrita no conto. Em seguida, considerando a perspectiva de Foucault, analisam-se concepções sobre loucura apresentadas no referido conto machadiano, pelo protagonista — Simão Bacamarte. Tais conceitos revelam que a identificação de indivíduos loucos se faz mediante a observação de um desvio de comportamento social, ou seja, há uma quebra no padrão considerado “normal”.

PALAVRAS-CHAVE

Loucura; desvio; comportamento; valores; sociedade.

ABSTRACT

This work presents a literary criticism of the tale “O alienista”, from Machado de Assis, based upon human madness conceptions observed throughout it. First, from the Frayze-Pereira’s and Szasz’s ideas, it’s shown a short scenery about historical perspectives around madness and the relations that can be established between them and the referred literary text. It’s commented the period in that the first asylums appear for internment of patients with “mental problems” appear and comparisons are made between those institutions and the “Casa Verde”, described in the tale. Next, considering Foucault’s perspective, conceptions about madness presented in the referred “machadian” tale and pointed out by the protagonist, Simão Bacamarte, are analyzed. Such concepts reveal that crazy people identification is made thru a social behavior twist, that means, there is a breakout on the considered “normal” pattern.

KEYWORDS

Madness; twist; behavior; standards; society.

Perspectivas históricas sobre a loucura

Definir a loucura como uma doença é uma abordagem relativamente nova, na história ocidental. Foucault (2008) observa que a razão necessita da loucura para existir propriamente enquanto razão, ou seja, sem aquilo que a nega, a razão não se estabeleceria como tal.

Em "O alienista", a loucura é apresentada como uma patologia mental, muito embora os processos, que a identificam dessa maneira, sejam sociais, isto é, os indivíduos que destoam de um comportamento, socialmente instituído, são considerados loucos.

Em fins da idade média, a ideia de loucura fazia parte do cotidiano do homem europeu, as artes plásticas a utilizavam como "recurso de expressão", apresentando imagens que, embora em desordem, acabavam por fascinar, uma vez que pareciam revelar o interior e as fantasias dos homens. A loucura era percebida como algo inseparável da imaginação e do sonho, estando associada a uma maneira peculiar de perceber e vivenciar o mundo. Na literatura e na filosofia, no entanto, o tema da loucura surge como revelação das fraquezas e ilusões humanas. No referido conto, também é feita essa associação: a loucura humana está relacionada a faltas morais, a transgressões de caráter, sob formas diferentes.

A loucura era vista, segundo Frayze-Pereira (1984), a partir de uma consciência crítica: "[...] a loucura acabou sendo confiscada por uma razão dominadora. E será apenas aos olhos dessa razão que a verdade da loucura será posteriormente apontada como falta, defeito, doença" (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 60).

Durante os séculos XVII e XVIII, criam-se na Europa casas de internamento, hospitais para reclusão de "doentes mentais". É válido ressaltar que esse era o período em que a classe burguesa começava a surgir no cenário social e voltava-se, sobretudo, aos "poderes da razão". O internamento era compatível com a visão que se tinha acerca da loucura: acreditava-se que sua

essência era a ausência de liberdade, ou seja, um louco não podia livremente prover a si mesmo e precisava, portanto, de assistência. A retenção dos "doentes" também compreendia uma medida de segurança social, contra os perigos que os loucos representavam: "O perigo era o louco; o protetor, o alienista" (SZASZ, 1984, p. 32). Desse modo, a casa de internamento torna-se asilo e neste a medicina encontra um campo propício para apropriar-se da loucura como objeto de conhecimento. Assim era a "Casa Verde", de "O alienista". Ali, Simão Bacamarte tinha toda liberdade para analisar os seus pacientes, formular e comprovar "teorias científicas", pois, as manifestações de loucura das pessoas ali recolhidas passavam a ser objetos de estudo. "O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal" (ASSIS, 2005, p. 22).

Porém, como salienta Szasz (1979), o conceito de doença mental relaciona-se, até os dias atuais, a um afastamento de uma norma psicossocial e ética estabelecida. Logo, seria logicamente absurdo que uma ação médica fosse imposta à resolução de problemas cuja existência foi definida em bases não-médicas. O que se observa também é que o asilo de doentes mentais buscava (e ainda busca) homogeneizar diferenças, extinguir irregularidades, estabelecendo uma oposição entre normal e anormal.

O asilo não é um espaço neutro de observação, diagnóstico e terapêutica. Assim ele se apresenta quando visto do exterior. É a sua aparência mais imediata. Mas, quando visto do seu interior, o asilo se revela um espaço onde o doente sofre um processo de acusação, julgamento e condenação (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 87).

Entre o fim do século XVIII e início do XIX, é atribuído à loucura um valor comportamental, ela se torna a consequência psicológica de uma falha moral, uma vez que revela verdades do homem: suas paixões, seus desejos, sua perversidade, seu sofrimento. Refletir sobre a loucura passa a ser uma reflexão sobre o homem. Desse modo, a loucura reaparece no domínio da linguagem, novamente através da arte, mas também na experiência

psicanalítica inaugurada por Freud, no século XX. A significação psicanalítica da loucura não opõe o que é normal e anormal, pois considera que os sentimentos de angústia, dor, além das fantasias e desejos humanos constituem a vida psíquica de todos os indivíduos. “[...] a Psicanálise revoluciona a noção corrente de ciência” (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 91).

Modernamente, a noção de loucura também pode estar associada à revelação das entranhas da alma humana e, por isso mesmo, quem for considerado doente mental ainda é excluído da sociedade. Para Herrmann (1992), o louco pronuncia o que todo homem é, portanto, a loucura é considerada ridícula porque suas “imagens” falam superficialmente de coisas muito profundas da vida humana; esses grandes temas são banalizados pelo louco, de maneira até mesmo inconveniente. Entretanto, Herrmann (1992) enfatiza ainda que a loucura revela o que o indivíduo é interiormente, mas não quer ser exteriormente, isto é, nega-se o ridículo exposto, ao mesmo tempo em que se nega a interioridade de que o homem se constitui. A exclusão do louco torna-se, desse modo, uma solução bastante cômoda; tal situação é ironizada na referida narrativa machadiana, já que ela permite indagar a diferença entre a loucura e os desvios sociais.

Observa-se que o tema da loucura abordado no conto demonstra, de certo modo, uma consonância com a realidade, uma vez que as concepções de doença mental, ali representadas, referem-se muito mais a uma ruptura de norma social que a uma patologia de fato. É dessa maneira que muitas vezes tem sido encarada, na prática, a questão da loucura humana, em diferentes períodos da História.

Concepções de loucura e crítica social

Em “O alienista”, o protagonista Simão Bacamarte cria mecanismos de identificação de “doentes mentais”, na região onde vive, com base nos comportamentos dos indivíduos que passa a observar. Por se tratar de um lugar

pequeno — a vila de Itaguaí — nota-se que o médico tinha maior facilidade para analisar as atitudes dos moradores dali e assim firmar suas teorias.

É válido ressaltar que foram considerados “loucos”, logo de início no conto, os que apresentavam comportamentos sociais facilmente encontrados nos indivíduos, de uma maneira geral. Assim, vê-se que a loucura é associada aos “defeitos” humanos e não a um desvio de comportamento mais específico e evidente, de modo que “[...] o que era até agora uma ilha perdida no oceano da razão, começo a suspeitar que é um continente” (ASSIS, 2005, p. 27). Ou seja, segundo a teoria do alienista, a loucura atinge inúmeras pessoas, uma vez que elas têm as suas limitações de caráter.

Sem necessariamente considerar, por si só, os desvios de caráter, mas enxergando-os como “desvios sociais”, observa-se que a concepção de loucura defendida inicialmente na narrativa, por Simão Bacamarte, relaciona-se com a problematização do assunto exposta por Frayze-Pereira (1984). Este afirma que a loucura é sempre atestada de modo relacional: alguém é louco em relação aos outros, ou a si mesmo, neste caso, se o comportamento parece doentio quando comparado ao que esse indivíduo manifestava anteriormente; portanto, o diagnóstico se dá sempre em relação a uma ordem de normalidade, racionalidade ou saúde pré-concebidas. A loucura não é, pois, identificada por si mesma.

O anormal é uma virtualidade inscrita no próprio processo de constituição do normal e não um fato ou uma entidade autônoma que definiríamos pela identificação de um conjunto de propriedades delimitadas e imutáveis. O anormal é uma relação: ele só existe na e pela relação com o normal. Normal e anormal são, portanto, termos inseparáveis. E é por isso que é tão difícil definir a loucura em si mesma (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 22).

O que levava Simão a encerrar pessoas na Casa Verde era uma lógica bem semelhante: os indivíduos que se desviavam da norma social e moral de comportamento, encontravam-se, segundo ele, doentes.

A sociedade estabelece padrões de comportamento que variam de acordo com os movimentos históricos e/ou com os hábitos culturais de cada

lugar. Em “O alienista”, o personagem Mateus, por exemplo, era um homem simples que foi enriquecendo a ponto de construir uma suntuosa casa; seu hábito, percebido por todos na vila de Itaguaí, era perder horas a contemplar o próprio imóvel e sua fruição advinha também de poder exibir o que possuía e sentir-se, assim, admirado e até invejado pelos outros. Para Simão, o “amor às pedras”, o apego aos bens materiais e a satisfação de poder ostentar o luxo — comportamentos tão comuns entre os homens de diversas sociedades, ao longo do tempo — constituíam uma evidência de loucura, pois feriam uma norma social e moral. Como afirma Szasz (1979), o que é considerado um sintoma mental, na verdade está atrelado ao contexto social e ético, do mesmo modo que o sintoma corporal relaciona-se a um contexto anatômico e genético. Tal perspectiva é observada também na abordagem de Foucault (1994), quando este afirma que a patologia mental só tem valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal.

Assim, o personagem Mateus, como vários outros, foi internado como doente mental por destoar daquilo que o alienista considerava padrão de normalidade. O próprio narrador o considera um “pobre” homem e tal adjetivo se destaca no contexto, pois, Mateus tornara-se rico, exibia inclusive as suas posses, mas, o significante “pobre” investe-se de novo sentido: no instante em que tal personagem tornava-se prisioneiro do médico, passava a ser uma vítima, sem poderes, sem *status*, um “pobre” homem. Julgava que estava mais uma vez sendo admirado, quando na verdade era “estudado”, analisado por Simão, que o trancafiaria na Casa Verde. “O pobre Mateus, apenas notou que era objeto da curiosidade ou admiração do primeiro vulto de Itaguaí, redobrou de expressão, deu outro relevo às atitudes... Triste! Triste! Não fez mais do que condenar-se; no dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde” (ASSIS, 2005, p. 31).

É relevante acrescentar também a marcante satisfação, uma verdadeira fruição presente no protagonista no momento em que recolhia os “pacientes” à Casa Verde. Tal característica traz à narrativa uma sutil referência de suspense, devido ao terror que o médico passou a despertar nos moradores da vila. É como se, a cada movimento do conto, uma sinistra faceta do Dr. Simão fosse

“descortinada”. Observa-se também a insistência de significantes que sugerem, a partir da descrição de comportamentos e atitudes desse homem, a sua eventual loucura, desde o início da narrativa. “[...] a paciência do alienista era ainda mais extraordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; nada menos que assombrosa [...]” (ASSIS, 2005, p. 24). O narrador insinua que o alienista poderia ser mais assustador que os seus próprios pacientes, o que instiga a dúvida a respeito de quem realmente “deveria” ser recolhido à Casa Verde. No trecho “Bacamarte espetara na pobre senhora um par de olhos agudos como punhais” (ASSIS, 2005, p. 30), observa-se que a caracterização dos olhos como “agudos” e “punhais” revela um direcionamento da narrativa que insinua a intensidade da satisfação do médico em conduzir mais uma pessoa ao internamento; um outro trecho, que também enfatiza os olhos do protagonista, acentua ainda mais a ideia de satisfação: “Uma volúpia científica alumiu os olhos de Simão Bacamarte” (ASSIS, 2005, p. 31).

Considerando a perspectiva psicanalítica, poder-se-ia afirmar que cada apreensão, realizada pelo alienista, corresponde a um objeto pulsional, pois, como afirma Nasio (1999), a pulsão serve-se de um objeto por meio do qual tenta atingir o seu intento ideal; esse objeto pode ser uma coisa ou uma pessoa, mas é sempre um objeto fantasiado e não real. Na sua fantasia, Simão acreditava estar formulando e comprovando teorias científicas, o que alimentava, de certo modo, a sua realização íntima.

A obsessiva dedicação à medicina já é entrevista na apresentação do personagem, pois, até a escolha da sua esposa fora feita nos “moldes científicos”. D. Evarista havia sido “selecionada” porque reunia boas condições anatômicas e fisiológicas: digeriu e dormia bem, tinha bom pulso, enxergava bem, portanto, podia gerar filhos saudáveis. O fato de não ser atraente não era importante, pois, segundo Simão, a beleza, que porventura ela possuísse, poderia desviá-lo dos propósitos de suas pesquisas científicas, por isso, era-lhe conveniente que a esposa fosse “[...] mal composta de feições [...]” (ASSIS, 2005, p. 20).

O próprio padre da vila já “prenunciava” que o estudo excessivo poderia “virar o juízo”. Mas a única preocupação do alienista era constatar as suas concepções sobre a loucura humana e satisfazer o seu desejo de captura de indivíduos que serviriam às suas análises, que lhe trariam a sensação de poder sobre os outros, mediante o domínio de teorias científicas. “Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência [...] se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo” (ASSIS, 2005, p. 26).

No entanto, o que seria “gente de juízo”? Primeiramente, o médico afirmara que eram loucos aqueles que apresentavam um desvirtuamento moral e transgrediam os padrões sociais. Porém, à medida que a narrativa avança, nota-se que o “brilhante cientista” chega a uma nova conclusão, não menos surpreendente: ele deduz que, na verdade — na sua, a propósito — os pacientes sem muitas virtudes, isto é, a maioria das pessoas não é louca, mas sim aqueles que se distanciam desta “nova norma social”, ou seja, os que são íntegros, honestos, de boa índole, estes sim, a minoria, têm alguma patologia mental, diferenciam-se do “normal”.

Desse modo, de acordo com a nova teoria de Simão Bacamarte, a referência de normalidade seria não mais a virtude, a ética, a sensatez mas sim as falhas de caráter: “[...] se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto [...]” (ASSIS, 2005, p. 46). Assim, evidenciava-se que o normal era ser anormal; a normalidade seria louca. Esta constatação, observada no conto, pode ser relacionada a um mecanismo de crítica e censura de comportamentos sociais, no tocante aos valores morais dos indivíduos. Se o normal é possuir defeitos graves, isto leva a crer que marcantes falhas de caráter são encaradas como perfeitamente naturais, admissíveis; a sociedade lhes enxerga como aspectos corriqueiros.

Dessa maneira, decifra-se, a partir da narrativa, uma irônica abordagem crítica, um modo de enfatizar que as referências de comportamento

humano muitas vezes encontram-se radicalmente equivocadas. À semelhança da teoria do alienista, muitos indivíduos consideram a modéstia, a tolerância, a sinceridade e a lealdade como características excepcionais, “anormais”, dentro de uma sociedade em que os indivíduos vivem em clima de rivalidade, de agressividade constante, ou mesmo de indiferença entre si. Considerar tais aspectos como características sociais “normais” denuncia uma possível falha de percepção, ironizada no conto, a partir do protagonista que a considera como padrão de normalidade e equilíbrio.

Observa-se também, em “O alienista”, que os poucos indivíduos que eram virtuosos, ainda assim eram suscetíveis à transgressão moral, quando “provocados” — tal incitação era considerada, inclusive, uma medida terapêutica. “Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo” (ASSIS, 2005, p. 51). Um indivíduo que possuía a virtude da modéstia, por exemplo, era “tentado” a desenvolver uma atitude oposta, de orgulho e/ou ostentação, mediante “procedimentos médicos” diversos e graduais. Era-lhe oferecida uma casaca ou mesmo uma bengala, caso não “surtisse efeito”, era-lhe oferecido um anel de brilhantes ou algo de maior prestígio para estimular o seu desvirtuamento e, quando este se dava, o indivíduo enfim recobrava a “sanidade mental”, pois, os defeitos morais eram considerados sinais de equilíbrio. Evidencia-se a ironia marcante, bem ao estilo machadiano e, ao fim da narrativa, o protagonista se dá conta de que não havia ao seu redor nenhum indivíduo possuidor de qualidades morais e, portanto, “louco”. A loucura estava atrelada, novamente, a um desvio do modelo social. Ser louco, neste caso, era possuir uma integridade de princípios, situação “anormal”, numa sociedade em que vigora o extremo oposto. O próprio Simão conclui que somente ele, portador de valiosas qualidades, sem risco de violação de princípios morais, era um autêntico louco.

Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades

enfim que podem formar um acabado mentecapto (ASSIS, 2005, p. 52).

Foucault (2008) declara que a exclusão do louco ocorre porque ele insiste no direito à singularidade, à interioridade. Essa perspectiva está adequada tanto à primeira concepção de loucura apresentada em “O alienista” — em que se classificam como loucos os que cometem graves faltas morais — como também à segunda concepção que o conto traz — são loucos os que apresentam virtudes morais — em ambos os casos, a reclusão é indicada como solução, pois, os “doentes mentais” deveriam ser privados do convívio coletivo.

Nota-se que a crítica social “encoberta” nesse breve enredo machadiano, o “não-dito” do texto, pode revelar uma censura irônica e bem-humorada a respeito de comportamentos sociais, no que se refere a sua relação com valores morais e virtudes humanas.

Considerações finais

O efeito da expressão estética na literatura, como afirma Costa Lima (1969), leva a uma reflexão mais profunda ao ser comunicada, já que pode ser instrumento ao mesmo tempo crítico e sensível de tomada de consciência da realidade. Uma vez que o artista trabalha com sua capacidade criadora, ele pode recriar a realidade para assim sensibilizar e/ou informar, como afirma Pedro Lyra (1982). E, neste processo de recriação, multiplicam-se as possibilidades de compreensão, crítica e reflexão a partir da obra literária.

Em “O alienista”, a forte ironia presente na linguagem evidencia um mecanismo de crítica acerca das proposições científicas sobre a loucura humana. O louco é identificado como aquele que desvia ou não se adapta a uma norma sócio-cultural, proposição defendida ao longo da própria história da loucura. Como salienta Foucault (1994), é próprio à cultura ocidental dar à doença um sentido de desvio e ao doente uma “sentença” de exclusão. O conto demonstra, a partir do comportamento do protagonista, como pode ser arbitrário e injusto o diagnóstico da loucura. Demonstra também que a

sociedade tem horror ao que é diferente, reprimindo assim a diversidade entre os seres. Outra perspectiva, observada na narrativa machadiana, diz respeito à censura dos valores humanos, que tantas vezes mostram-se desvirtuados, equivocados, de modo que o conto ironiza a ideia de que os princípios éticos, por exemplo, podem ser tão raros a ponto de serem considerados “anormais”.

Assim, vê-se que a partir de uma leitura crítica de “O alienista”, pode-se perceber o alcance das suas possibilidades interpretativas, mediante a potencialidade de sentidos dos significantes ali trabalhados e a perspectiva da ironia crítica machadiana, expondo concepções, sobre o comportamento humano, que podem ser revistas, repensadas, mediante a “provocação” que o texto desperta acerca de temas sociais e valores humanos. Nota-se, portanto, que através de uma análise crítica de “O alienista”, pode-se perceber como este texto favorece a identificação de mentalidades, convenções sociais e representação de comportamentos humanos, afinal, era a partir de tais aspectos que se instituía, na narrativa, a definição de normalidade e loucura humanas. Como afirma Antoine Compagnon (2001), a linguagem literária é bem mais expressiva e conotativa, pois seu significado vai além do que o dito de fato; observa-se, portanto, que essa obra machadiana permite uma transcendência de sentido, pois, sua leitura possibilita, inclusive, a percepção de uma crítica a certas posturas humanas.

Referências bibliográficas

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O alienista e outros contos*. São Paulo: Moderna, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FRAYZE-PEREIRA, João. *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HERRMANN, Fábio. Loucura e cotidiano: uma proposta para discussão. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.). *Doença mental e sociedade: uma discussão interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 299-304.

LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

LYRA, Pedro. *Utiludismo* — a socialidade da arte. Fortaleza: Ed. UFC, 1982.

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SZASZ, Thomas. *O mito da doença mental*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de saúde mental*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1984.

Artigo recebido em 23/07/2009 e publicado em 13/04/2010.